

190
BRANCOS x ÍNDIOS (FINAL)

Entrevista: Nelson Xangrê

O líder escondido

CARLOS WAGNER e
HUMBERTO TREZZI

Em maio de 1978, na reserva caingangue de Nonoai, 3 mil agricultores brancos que viviam como intrusos foram expulsos pelos índios, legítimos donos da terra. Os caingangues eram liderados por um homem de 32 anos, orgulhoso e cheio de coragem, o cacique Nelson Xangrê. Foi um dos maiores levantes indígenas do Brasil. O episódio estimulou os índios de outras paragens, que na época se organizavam para lutar por seus direitos. Xangrê pagou um alto preço pela ousadia. Para ele, a guerra ainda não acabou. Jurado de morte, vive escondido nos matos do norte do Estado. Ali, sob uma barraca de plástico preto, ao lado de um fogo de chão, ele recebeu ZH. A entrevista, a primeira que concede em 12 anos, encerra a série A guerra que não terminou.

Zero Hora – Durante a ditadura militar, o senhor liderou a maior rebelião indígena da história recente do país. Curiosamente, nos últimos 12 anos, quando o país se democratizou, o senhor desapareceu. O que aconteceu?

Cacique Nelson Xangrê – Várias coisas. Mas a principal foi que nesse período a Constituição

dos brancos reconheceu o nosso direito às terras que o Estado tinha nos tomado. As pessoas ficaram com medo que eu fosse liderar uma nova guerra contra os colonos.

ZH – Quem são essas pessoas?

Xangrê – Estou sendo perseguido por todos os lados. Os brancos temem a repetição de 1978, quando os tiramos à força de nossas terras. Os funcionários da Funai têm medo de perder o controle da situação, como naquela época. E alguns líderes indígenas, porque sabem que não estão representando os interesses dos índios nessa briga.

ZH – Qual sua opinião sobre a retomada das terras indígenas?

Xangrê – Acho que está acontecendo de maneira muito lenta. E isso se deve ao comprometimento da Funai e de vários chefes indígenas com os políticos envolvidos no assunto. A terra é do índio, não tem por que esperar. Passaram-se 10 anos desde que a Constituição reconheceu o nosso direito. Por que a demora?

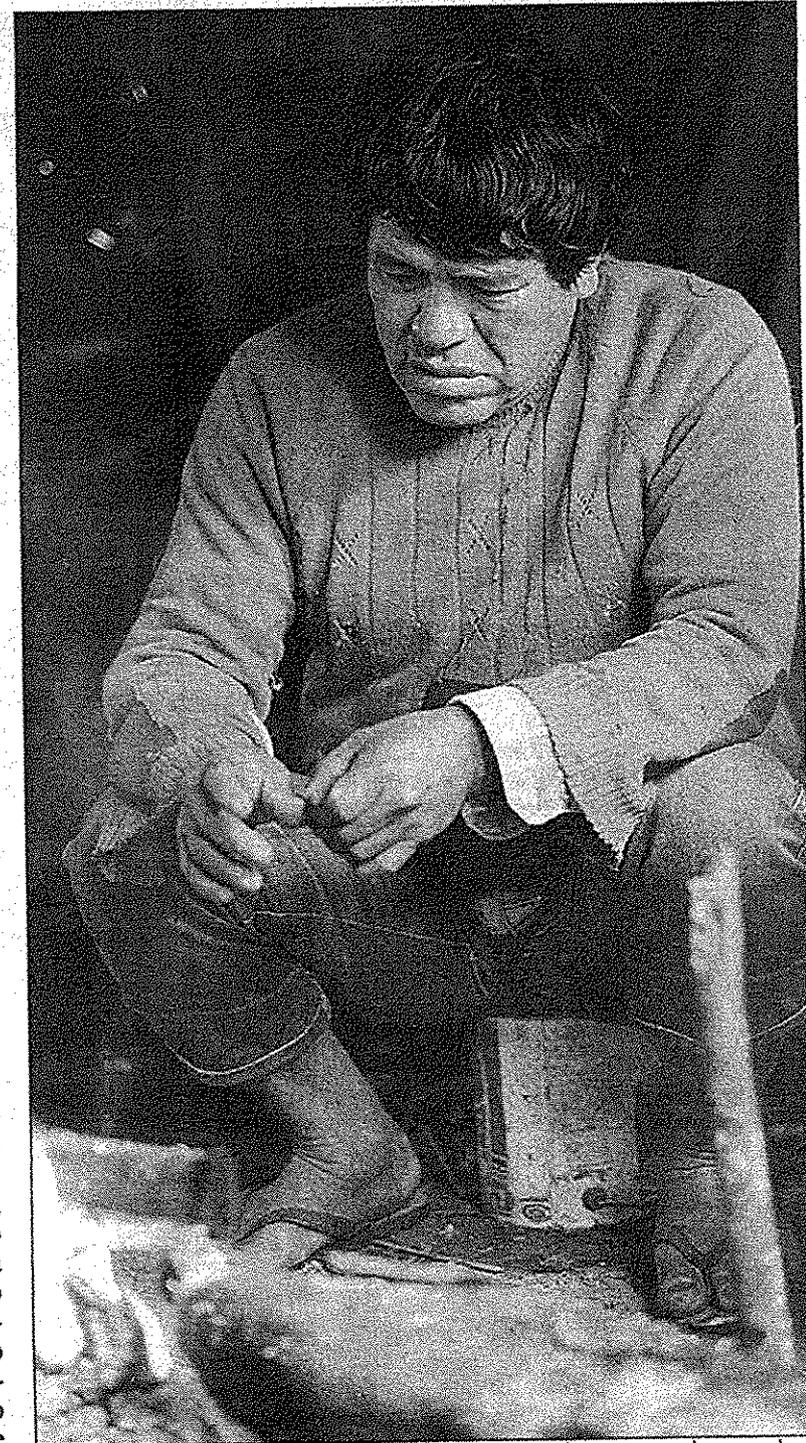
ZH – Mas a questão não parece ser tão simples. Por exemplo: dizem que, se as terras forem todas devolvidas, cidades como Engenho Velho vão desa-

parecer. E que os índios não conseguem produzir como os brancos.

Xangrê – Há um pouco de verdade nessa afirmação, mas também muita mentira e preconceito. Explico: em 1978, quando expulsamos os brancos, diziam que a cidade de Nonoai desapareceria sem a produção agrícola dos intrusos da área indígena. Isto não aconteceu. Alegam que o índio não produz como o colono. É verdade, mas não será por muito tempo. Hoje, nas reservas, muitos índios são agricultores, que aprenderam a plantar e a vender a produção. É preciso que a Funai auxilie este índio colono, que é apenas o resultado da situação em que vivemos, onde não temos mais peixe, frutas e caça para nos alimentar. O caingangue virou colono para sobreviver.

ZH – Nos últimos 12 anos o senhor viveu a maior parte do tempo escondido e lidando como peão dos colonos. Esse é o fim do cacique Xangrê?

Xangrê – Nunca fui covarde, só faço isso porque é necessário para a causa indígena. Luto pela preservação do meu povo. Não posso pensar só no meu bem-estar, mas no que é bom para o caingangue. Mas a minha situação vai mudar. Até o final do ano devo voltar para a reserva de Nonoai.



Xangrê: o líder do levante de 1978 pagou um alto preço pela ousadia